

Universidade de Brasília  
Campus UNB Planaltina  
Licenciatura em Educação do Campo  
Turma Dandara

**ARENA CONTA ZUMBI**

**Perspectivas do teatro político na década 1960**

Brasília

2014

NATANAEL JOSÉ FERREIRA

**ARENA CONTA ZUMBI**

**Perspectivas do teatro político na década 1960**

Monografia de final de curso submetida à Faculdade UnB Planaltina (FUP), da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientador. Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas

BRASÍLIA

2014

## Dedicatória

Dedico a todos que contribuíram na minha formação, aos educadores da Licenciatura em Educação do Campo, da área de CIEMA e das Linguagens, Campus Planaltina - DF, e colaboradores que fizeram parte dessa longa caminhada. À minha família como grande incentivadora, que não me deixaram desistir, no processo de formação.

## Agradecimento

Agradeço primeiramente á Deus, por me conceder a realização de um sonho.

Á minha família pelo apoio incondicional.

Aos meus irmãos pelo afeto dado ao longo da graduação.

Em especial aos meus avós e aos meus amigos.

A todos da turma Dandara, Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília, Campus Planaltina DF.

Ao professor Rafael Litvin Villas Bôas pela orientação.

## Epígrafe

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta. (MANDELA, 2010).*

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma abordagem teórica conceitual que retrata a origem da escravidão e a luta dos negros pela liberdade, com ênfase na análise da peça “Arena Conta Zumbi”, de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e investigativa que aborda as perspectivas do teatro político na década de 1960. Partimos do pressuposto que para compreender o sentido da peça “Arena Conta Zumbi” é relevante compreender a trajetória política e intelectual do movimento negro brasileiro. Esta pesquisa traz como resultado dados que comprovem a questão do preconceito racial e a vasta influência do teatro político no âmbito cultural. Além de ampliar o conhecimento referente a peça teatral e destacar a extrema relevância dessa peça no cenário político e cultural do país na década de 1960.

Palavras-chave: Teatro brasileiro, resistência Quilombola, racismo, Arena conta Zumbi.

## ABSTRACT

This research presents a conceptual theoretical approach that depicts the origin of slavery and the black struggle for freedom with emphasis on analysis of the play "Arena Conta Zumbi" by Augusto Boal and Gianfrancesco Guarnieri. It is a bibliographic and investigative research that addresses the perspectives of political theater in the 60s. Starting point is that to understand the meaning of the play "Arena Conta Zumbi" is relevant to understand the political and intellectual history of the Brazilian black movement. This research brings as a result data to prove the issue of racial prejudice and the vast influence of political theater in the cultural sphere. Besides enhancing the knowledge regarding the play and highlight the extreme importance of this part in the political and cultural landscape of the country in the 1960s.

Keywords: Brazilian Theater, Quilombo resistance, racism, Arena conta Zumbi.

## Sumário

Introdução. -----	09
1. A influência do negro na trajetória política brasileira: da independência a luta por direitos sociais no século XX -----	11
2. A formação de Palmares: impasse da questão agrária na luta política do campo --- -----	15
3. O teatro político nos anos 1960: consolidação de um teatro épico. Breve história do Teatro de Arena -----	20
4. “Arena Conta Zumbi” um marco de luta e resistência negra -----	26
4.1 – Análise da peça Arena Conta Zumbi -----	30
5 - Considerações finais -----	45
6 - Referências bibliográficas-----	46



## Introdução

O objetivo da pesquisa é analisar a peça teatral *Arena Conta Zumbi* (1965) de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. Procuramos compreender a proposta apontada pelos autores, ao destacar a realidade vivida pelos negros, na formação de Palmares, como estrutura metafórica, de um impasse da luta política.

O intuito é ampliar o conhecimento acerca da peça teatral, compreendendo como momento relevante da impressão do teatro épico no Brasil, na formação do teatro contemporâneo, anterior e posterior à ditadura militar. Na reflexão sobre a peça de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, destacamos que o teatro de Arena consegue dar continuidade a um projeto que contrapõe os interesses políticos hegemônicos do país ao destacar um problema de nação que afetou milhões de negros.

Partimos da hipótese de que a peça “Arena conta Zumbi” comporta em si a influência do Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento. O TEN existiu de 1944 a 1968, e se empenhou na luta pelo reconhecimento dos negros na esfera teatral, da dramaturgia e na interpretação.

O trabalho foi organizado da seguinte forma:

### **1) A influência do negro na trajetória política brasileira: da independência a luta pelos direitos sociais no século XX.**

Essa influência busca compreender a luta do negro no Brasil, e em diversas partes do mundo, além de resgatar seus direitos e entender a trajetória política dos movimentos negros no Brasil.

### **2) Formação de Palmares: impasse da questão agrária na luta política do campo.**

A luta pela independência de Palmares durou aproximadamente cem anos. Zumbi nunca deixou de sonhar e lutar pela liberdade dos negros no Brasil. Ele permanece sendo um símbolo de luta e denúncia da discriminação racial. Para os negros, sua luta e determinação os inspiram. A liberdade motivava os palmarianos,

desta forma podiam plantar e criar raízes. Por cem anos os negros criaram seus filhos e viveram com dignidade e o Zumbi dos Palmares deixou como ensinamento que com luta e organização, podemos viver e persistir lutando.

### **3) O teatro político nos anos 1960: consolidação de um teatro épico. Breve história do teatro de Arena.**

Compreender que o teatro político dos anos 1960 era uma arma contra o poder instalado, além de transformar-se num veículo para demonstrar ao público uma visão marxista e estimular o espírito revolucionário inerte no público. Propomos uma reflexão sobre o teatro de Arena de São Paulo, como um processo de fundamental relevância para a dramaturgia brasileira.

#### **4) *Arena Conta Zumbi*: um marco de luta e resistência negra.**

Entender *Arena Conta Zumbi* como um marco de resistência, pois retrata a vida dos negros, na formação de Palmares, como também a vida dentro de Palmares. Retratar a escravidão naquele contexto seria algo insignificante, pois o tema não interferia na diretamente sociedade, mas tornou-se uma forma de resistência à ditadura militar, porque eram postos em evidência os problemas sociais. E *Arena Conta Zumbi* consegue demonstrar nos palcos os problemas decorrentes da escravidão que permaneceu por mais de 300 anos.

**4.1) Análise da peça *Arena Conta Zumbi* (1965).** A análise da peça *Arena Conta Zumbi* representa a luta de um rei que lutou até o fim pelo seu povo. Boal e Guarnieri resgata na historiografia, o que foi o Quilombo dos Palmares. Esses problemas inerentes a sociedade são representados fielmente através da arte.

O reflexo do ser humano está presente na arte teatral e representa a sua condição social e o torna um ser racional. *Arena Conta Zumbi*, é uma peça que provoca um questionamento metafórico da realidade contemporânea, ou seja, muito distante da experiência do mundo real, mas em partes resgata a realidade dos problemas vividos pelos negros. A peça apresenta um questionamento para a população. *Arena Conta Zumbi*, é uma peça eficiente que conquista um grande público na década de 1960. Mesmo com a peça exposta em cartaz em momento de ditadura civil-militar de (1964), atinge grande sucesso pelo público.

Segundo Décio de Almeida Prado (1984, p.68): “Arena Conta Zumbi recorda frequentemente um comício político cantado e dançado em frenesi de movimentos, de rumor, com poucas perspectivas realmente novas”. Como forma de movimento, representa a força e a vitalidade dos negros na luta pela independência, que resgata o debate um conteúdo novo, uma nova forma de espetáculo. Faz referência ao projeto de Arena, que buscava fazer espetáculos direcionados ao povo.

## **1 - A influência do negro na trajetória política brasileira: da independência a luta por direitos sociais no século XX**

O período pós-abolição registra a marginalização da população negra no Brasil. Historicamente, os negros lutavam para serem reconhecidos pela sociedade, pelos seus direitos que deveriam ser concernentes aos dos homens brancos. Os negros lutavam para não viver às margens da pobreza, com empregos precários e salários baixos. Para os senhores das fazendas os negros só serviriam para o trabalho braçal, nas colheitas do café, no corte da cana-de-açúcar, e boa parte do ciclo do ouro, em várias regiões do país.

No Brasil, foi uma luta de décadas, desde a colonização dos portugueses, até que fosse estabelecida a lei contra a vinda de escravos oriundos de países Africanos, chamada lei Eusébio de Queiros (1850). Com essa lei, não poderiam vir escravos do continente Africano. Mas não resolveu muito o problema, porque transportaram ilegalmente escravos para o trabalho. Com esse tipo de atividade, foi estabelecida a lei contra a escravatura no Brasil, a Lei Áurea, assinada no dia 13 de maio de 1888. Esta lei abolia e tirava a propriedade de uma pessoa sobre outra.

A trajetória política no Brasil sempre foi de dominação pela elite, até que os negros fossem libertos da escravidão. Um país de estado burguês que discrimina pobres e negros. O Brasil é o país da América com maior número de negros fora do continente africano e tem a maior população negra que se estruturou a partir da escravidão e com um dos maiores quilombos do mundo.

A apropriação de terras no Brasil sempre esteve ligada à ideia de poder. Isso porque a colônia portuguesa desconsiderava que os índios eram os primeiros ocupantes e “proprietários” das terras brasileiras. Conseqüentemente, nesse período, não havia a apropriação de terras individuais. Assim, esse regime de ocupação ocorreu desde as capitânicas hereditárias em 1534, até 1850 quando passa ter os direitos das terras privadas.

O modelo de desenvolvimento do país, desde a época da colônia, era agroexportador, e todas as produções agrícolas como café e açúcar eram levadas para Portugal que tinham como base o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo.

Na metade do século XIX, a Inglaterra, um país poderoso obrigou o Brasil a proibir o tráfico de escravos importados da África. Sem a importação de escravos ficava difícil o abastecimento nas fazendas e, conseqüentemente, era questão de tempo o fim da escravidão. A abolição é uma expressão dada para que não exercessem mais escravidão no Brasil. A princípio foram libertos recém-nascidos e os negros com mais de 60 anos de idade.

Na revista da Fundação DOEN, responsável pela análise da propriedade privada no Brasil, destaca que:

Em 1850, foi aprovada a primeira Lei de Terras no Brasil, cujo princípio é seguido ainda hoje. Essa lei deu origem à propriedade privada individual, ou seja, as terras que eram do Estado passariam a ter donos. A partir daí a terra só poderia ser adquirida e usufruída pela compra. Assim, os pobres não poderiam se tornar proprietários. Quase todos os negros e índios foram impossibilitados de ter acesso às **terras devolutas** (ONG REPORTE BRASIL, 2007, p. 41).

Mas, durante a primeira República (1889-1930) as políticas de domínio das terras, o que era da União passou para o estado, o que aumentou o poder político, e manteve a base econômica de agroexportação impossibilitando os pobres e negros, de ter direito sobre suas terras.

Em pleno século XXI, o negro no mercado de trabalho tem os trabalhos mais precários, além de outros problemas que o mercado capitalista os impõe. Como

também os negros estão excluídos das melhores escolas. Negros são agredidos pela cor, cultura e sua manifestação religiosa. Mesmo a ideia de um país mestiço, onde as classes e raças supostamente convivem em harmonia, é uma ideologia.

Segundo afirma Eduardo Oliveira:

A mestiçagem, na África em geral e especialmente no Brasil, tornou-se não apenas uma barreira epistemológica para a compreensão da dinâmica civilizatória dos afrodescendentes, mas também uma ideologia que embora as efetivas relações raciais nesse país, que sem dúvida, é marcado por um racismo exacerbado. (OLIVEIRA, 2006, p. 25).

No Brasil, os movimentos negros traçaram grandes lutas por melhores condições de vida. A luta negra progrediu ao longo da história brasileira, na luta pelo seu espaço social.

Com a luta negra, vários movimentos começam a se manifestar em todo o mundo. Os movimentos negros na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos tinham como idealizadores, Martin Luther King, Rosa Parks e Malcon X e outros. No ano 1955 aconteceu o maior boicote nas empresas de ônibus na cidade de Montgomery, para pressionar o governo a acabar com a discriminação dos negros, nos transportes públicos dos Estados Unidos.

Já nos anos de 1960, Martin Luther King (1929-1968), liderou vários protestos e manifestações em busca dos direitos dos negros para acabar com o racismo dos brancos. Em 1964, foi concebida a lei de direitos civis. Martin Luther King foi a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz em (1964), por liderar um movimento pacífico em busca dos seus direitos. Martin Luther King foi assassinado antes de uma marcha na cidade de Memphis, em 1968.

Malcon X (1925-1965), foi um grande ativista que liderou pelos direitos dos afro-americanos, um defensor das causas negras. Malcoin X, fez com que os brancos americanos percebessem sobre os crimes cometidos contra os negros.

Quando em uma determinada sociedade muitas pessoas estão impedidas de usufruir dos seus direitos com base em sua origem étnica, estamos tratando de

segregação racial. Os negros sofriam graves consequências, pois não tinham direito ao voto e eram proibidos de frequentar determinados lugares públicos, devido à discriminação racial dos brancos.

Com a luta pelo respeito de sua raça os negros lideraram o movimento pelo direito civil que ganha vitalidade com outros grupos da sociedade. A luta negra efetiva se resulta da coragem de indivíduos, se reforçando em todas as partes do mundo em busca de seus direitos civis e a ter igualdade entre brancos e negros. O principal objetivo era promover a junção das duas raças e não separá-los politicamente.

No Brasil, o negro tem a sua situação bastante desigual em relação aos brancos. A escravidão no Brasil iniciou-se através da produção de açúcar no século XVI. Com essa força no modo de produção, a vinda dos negros das colônias africanas foi um instrumento relevante como mão de obra barata, nos engenhos de açúcar. Os portugueses vendiam os escravos como mercadorias, classificando-os como bons ou ruins.

Conforme Albuquerque (1978, p.81) “,nas condições específicas em que se processava a exploração do escravo, a violência e o castigo exerciam a função de práticas assegurada na rentabilidade, sendo excepcionais outras motivações” no processo de produção agroexportador. Os negros trabalhavam muito e mesmo assim as punições eram severas e eles sofriam com as punições. O trabalho que exercia, só tinha valor quando cumpria a função e davam lucro.

Aqui, alguns líderes de movimentos, que lutaram em busca de um ideal para que os negros fossem libertos das mãos de quem os dominavam e fossem protagonistas de sua história, como Francisco José do Nascimento (1839-1914), Dandara (uma aliada de Ganga-Zumba, foi assassinada em 1694), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), André Rebouças (1838-1898), Cruz e Souza (1861-1898), Aquilino (sem data concreta do nascimento e morte), Anastácia (nasceu em 1740, sem data relatada da sua morte), Tereza de Benguela (relatos aponta que viveu até 1770).

Não se pode achar que somente nome lembrado no dia da consciência negra, como é Zumbi dos Palmares, líder de um quilombo mais famoso, que existiu

no Brasil. Outros líderes negros buscavam a liberdade e a independência, que são esquecidos pela sociedade, sem ser lembrados.

## **2 - A formação de Palmares: impasse da questão agrária na luta política do campo**

A formação do povo brasileiro a partir da invasão dos portugueses no Brasil em 1500 abre um novo modo de exploração das riquezas das terras brasileiras. Um meio fácil seria a exportação de pessoas para o Brasil suprimindo a necessidade dos senhores donos das terras. Foram longos os anos de vinda dos negros do continente africano, para a América, em específico, ao Brasil.

A partir de 1549 começam a desembarcar com mais frequência os negros vindos do continente africano, como Cabo Verde, Golfo da Guiné, Congo, Angola entre outros, para serem escravizados nas fazendas.

Mas, os negros não ficaram passivamente acomodados na situação de escravos. Muitos escravos lutaram pela liberdade e a dignidade humana. Os povos buscavam se organizar de diversas formas, contra a crueldade que era imposta. Muitos escravos morreram defendendo essa bandeira. As diversas formas de tratamento fizeram com que os negros tomassem como bandeira de luta a liberdade.

Na luta pela liberdade, os negros se organizavam em busca de espaço para formar as suas comunidades. Conforme Edison Carneiro:

Os negros fugiam na calada da noite, embrenhando-se no mato, mas, com o tempo, desciam novamente para as “cabeceiras” dos povoados, para induzir outros escravos a acompanhá-los, para raptar negros e moleques para os Palmares. Em breve, o movimento de fuga era em geral. A invasão holandesa afrouxara a disciplina de ferro da escravidão – e, por toda a parte, do sertão de Pernambuco, da costa de Alagoas, do interior de Sergipe e da Bahia, novas colunas de negros fugidos chegavam para engrossar a população do quilombo. (CARNEIRO, 1947, p.11).

As artimanhas que os negros buscavam para se libertarem e serem livres só eram possíveis com o auxílio das mulheres e crianças. As mulheres negras tinham como função a reprodução. Desta forma, os negros em vários estados passaram a fugir e, em Palmares, a população aumentava cada vez mais.

Onde existem quilombos, existe a resistência contra a escravidão, porque em várias regiões do país os quilombos transformaram-se num símbolo de luta pela liberdade e pelos seus direitos. Um dos quilombos mais famosos foi o dos Palmares, que era um lugar livre e que implantava suas leis.

Conforme Edison Carneiro:

Os quilombos eram um constante chamamento, um estímulo, uma bandeira para os negros escravos das vizinhanças – um constante apelo á rebelião, á fuga para o mato, á luta pela liberdade. As guerras nos Palmares e as façanhas dos quilombolas assumiram caráter de lenda, alguma coisa que ultrapassava os limites da força e do engenho humanos. Os negros de fora do quilombo consideravam “imortal” o chefe Zumbi – a flama da resistência contra as incursões dos brancos. (CARNEIRO, 1947, p.16).

Para o governo de Pernambuco, a autoridade maior era Ganga Zumba. Desde então foi lançado a paz, ainda que o ambiente na serra da Barriga não era dos melhores. O processo de luta e os tombamentos de negros foram muitos para que pudessem permanecer na comunidade, onde encontravam o trabalho livre e podiam constituir família.

A vida dos negros dentro de Palmares dependia da mata, afinal é através dela que eles retiravam o seu sustento. Conforme Edison Carneiro:

Da fauna e principalmente da flora dos Palmares, portanto, os negros retiravam grande parte do seu sustento, azeite, luz, a sua vestimenta, os materiais com que contribuía as suas choças as cercas de pau a pique com que fizeram famosa com as guerras. (CARNEIRO, 1947, p.31).

Além disso, a floresta dava quase tudo que os negros necessitavam para a sua sobrevivência. Eles retiravam da mata a matéria prima para serem



confeccionadas. E ainda faziam a sua proteção com cercas de pau a pique, o que foi relevante na guerra contra as expedições.

As expedições encontraram uma estratégia cruel para que os negros ficassem inertes aos ataques em Palmares. Eles destruíram seus bens que tinham nos quilombos dos Palmares com o intuito de dominar esses escravos com a finalidade de escravizá-los novamente.

A análise feita por Edison Carneiro demonstra claramente isso:

A campanha dos Palmares se orientaria, principalmente, no sentido de destruição dos mantimentos dos quilombolas. A partir de Fernão Carrilho (1677), a guerra se faz no sentido preliminar de talar e devastar as matas, as roças e as plantações que protegiam e amparavam a “rochela” dos negros palmarinos. (CARNEIRO, 1947, p. 45).

Partindo desse pressuposto, com a destruição das lavouras acabariam dificultando a permanência dos quilombolas nas suas comunidades. Os negros que resistiam aos ataques se fortificavam. Na opinião do ex-governador João de Sousa (1987) uma das formas de combate era não autorizar a formação das roças (lavouras) que eram o meio de subsistência dos palmarinos.

Os holandeses inseriram no quilombo um sujeito chamado Bartolomeu Lintz, para viver junto dos negros com a finalidade de conhecer a rotina dos Palmarinos. Conforme Edison Carneiro (1947, p.45) “O quilombo não estava constituído apenas de negros, e nem somente de escravos” o que facilitava a entrada de sujeitos aliados às expedições.

O quilombo dos Palmares não estava totalmente seguro. Os negros continuavam sendo perseguidos. Para Palmares tornaria mais evidente o desejo de libertá-los da escravidão. Dessa maneira, Palmares era considerado um refúgio para os negros e um espaço onde o homem salva o homem e que lutaram em busca da liberdade.

Os aspectos históricos de Palmares ainda repercutem no cenário brasileiro. A disputa por um pedaço de terra, ainda causa vitima no Brasil, como reflexo de uma disputa entre as classes.

Conforme análise feita por Buainain:

A modernização conservadora do latifúndio reforçou a concentração da propriedade da terra e o caráter excludente do modelo de desenvolvimento agropecuário; como regra geral, as “relações arcaicas” foram substituídas por relações de assalariamento temporário, embora, em muitas regiões, sem qualquer proteção legal. (BUAINAIN, 2008, p.19).

Por se tratar de uma modernidade conservadora capaz de avançar pelas grandes reservas, em que várias regiões do país a violência vem diminuindo ao longo da história, ou seja, com as leis trabalhistas ficou mais difícil o trabalho escravo nas fazendas devido às lutas de vários movimentos em busca dos direitos estabelecidos por lei.

Nessa luta, o campo brasileiro viveu momentos decisivos, através das organizações como os movimentos sociais que foram surgindo e evoluindo em várias regiões do país.

Segundo Fernandes (2008, p.179), “O capital se realiza desenvolvendo a sua própria relação social, destruindo o campesinato, mas também se desenvolveu na criação e na recriação do campesinato” partindo do ponto que a classe dominante só interessa naquilo que é de interesse de desenvolvimento. E os movimentos sociais, em busca da reforma agrária, contrapõem os interesses hegemônicos do país.

As formas de dominação foram sendo estabelecidas:

A partir da abolição da escravatura e do advento da república, surgem sinais de declínio de seu poder e princípios a substituição das formas antigas de dominação por novas – nem sempre sutis. As relações de sujeição permitem e aprofundam sob novos mecanismos. O domínio do senhor rural sobre seus dependentes se amplia, incorporando formas de dominação política, econômica e cultural (BUAINAIN, 2008, p. 132).

Assim, com o fim da escravidão os dominantes passaram a perder o poder e procurando novas formas, que reprimiam com violência os sujeitos. A relação de poder hegemônica, muda as suas táticas. Mas não perdem o seu posto de dominação.

De acordo com Fernandes (2008, p.181) “a questão agrária não é um problema em si, mas é um problema da contradição inerente ao sistema capitalista, que se movimenta e se perpetua por meio de seu paradoxo”, dessa forma a questão agrária passa a definir as suas ações, contradizendo as ideias capitalistas de dominação.

Sobre essa resistência, Sauer ressalta: “A resistência e a luta contra a desigualdade, expropriação e dominação, por outro lado, gestam grupos sociais que se organizam em busca de seus direitos, criando uma dinâmica social permeada por disputa, embates e conflitos (relação de poder)”. (2008, p. 239)

A relação de poder que se estabelece na sociedade por meio do controle dos territórios está presente na relação do capitalismo, no modo de produção. Enfim, esse domínio de território quanto das terras elas estabelecem uma relação de poder. De acordo com Sauer (2008, p. 245) “essa violência não se restringe aos assassinatos, às agressões físicas e as técnicas de intimidação pelo uso de milícias paramilitares armadas” elas também permeiam por meios políticos e jurídicos, porque fere uma das coisas fundamentais à vida humana que está presente na Constituição Federal de 1988.

Trata-se de uma luta em que muitos morreram para que a liberdade fosse alcançada. Os conflitos em busca da terra fizeram com que líderes perdessem suas vidas. Não é diferente quando se fala na escravidão, que por aqui durou mais de 300 anos.

### **3 - O teatro político nos anos 1960: consolidação de um teatro épico.**

## Breve história do Teatro de Arena.

O grande projeto do Teatro de Arena de São Paulo ocorreu de 1953 a 1971 década de 1950, sendo um dos movimentos mais importantes da dramaturgia brasileira.

Mas, vale destacar, anteriormente ao Teatro de Arena, o movimento artístico que predominava em São Paulo era TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), fundado em 1948, pelo industrial Franco Zampari. A companhia era mantida por um grupo de empresários. Nos finais da década de 1950, a companhia o TBC foi perdendo o seu vigor artístico. Até então o gênero artístico (revista e comédia) foram sendo consideradas ultrapassadas, necessitando de uma dramaturgia nova. Foi um teatro para uma classe, à burguesia, e financiado pelos mesmos.

Segundo Peppe (2004, p.01) “O TBC tinha como programa essencial, a encenação de textos internacionais consagrados e diretores estrangeiros, a maior parte italianos, que primavam por um tratamento cênico de alta qualidade, com grande preocupação estética.” Todavia, o TBC foi perdendo o seu posto, seu repertório foi sendo ultrapassado. Da queda do TBC, ficou a possibilidade de se formar uma dramaturgia brasileira. E essa tarefa, em princípio, coube ao teatro de Arena.

No ano de 1958, o Teatro de Arena fez a montagem “*Eles não usam Black-tie*”, de Gianfrancesco Guarnieri, que do ponto de vista do grupo atendeu as perspectivas ficando em cartaz mais de um ano, o que era inédito para o teatro brasileiro. O que permitiu a definição do autor-nacional. Não que antes não tinham aparecido peças de autores brasileiros, mas, a peça de Guarnieri, se define naquele momento, marcando um novo tempo do teatro brasileiro.

“Eles não usam black-tie”, dirigido por José Renato, traz um tema pertinente para a sociedade, os problemas causados pela industrialização, por melhores condições de trabalho, e por melhoria dos salários. Desse modo o teatro de Arena trouxe temas importantes. Sobre a condição difícil da vida dos trabalhadores, traçando ideias realistas das grandes cidades.

Nessa vertente, Vianinha, no Rio de Janeiro, monta a peça “*A Mais-Valia vai Acabar, seu Edgar*” (1960), que tinham como objetivo principal discutir o conceito de mais-valia. Era um momento de gestação de novas formas organizativas da produção teatral, superando dialeticamente os limites colocados ao Teatro de Arena: sua proposta de chegar ao povo, porém, a limitação de um espaço pequeno, frequentado pela classe média e pelos estudantes; sua estrutura de empresa, em detrimento da dinâmica de um coletivo de teatro político, etc.

O Teatro de Arena tinha como perspectiva um teatro que trouxesse para os palcos os problemas políticos da sociedade brasileira. Antes da década de 1950, a maioria das peças teatrais não tratavam de assuntos ligados ao povo brasileiro. Os espetáculos eram feitos, em geral, somente para entretenimento.

O Teatro de Arena estava passando por uma crise, quase fechando as portas. Mas, com a montagem bem sucedida de *Black-tie* o grupo retoma com mais fôlego sua atividade.

O Teatro de Arena se notabilizou por apresentar nova proposta de espetáculo, que mostrasse em cena uma nova visão do Brasil, que colocassem nos palcos os problemas sociais, que não fosse de um teatro marcado pelas características predominantes do teatro europeu.

#### Segundo Maria Aparecida Peppe:

O Arena esboçava uma proposta política, de cunho marxista para sua arte, direcionada para o nacional e o popular, procurando refletir sobre a situação do povo brasileiro, num teatro caracterizado como popular entendido como aquele que ultrapassa os limites de uma plateia burguesa, incorporando também as classes trabalhadoras. A proposta de um teatro político deveria possibilitar ainda a reflexão do próprio papel do artista como homem e como agente social transformador, colaborando para a consolidação de uma cultura popular. (PEPPE, 2004, p.1).

Com essa modalidade, os autores passaram mostrar mais a realidade da população brasileira, aprofundando as ideias marxistas, dando assim um ponto de vista diferente do que à burguesia estavam acostumados e os mesmos determinavam, porque até então a plateia era da burguesia. Essa proposta de um teatro político consiste, em fazer com que o público pudesse refletir sobre a sociedade, e o que se passa nela.

Um dos protagonistas do processo, que era então recém-chegado dos estudos nos EUA, em 1956, foi Augusto Boal. Aproveitou para cursar dramaturgia enquanto cursava doutorado em Química e pode aprender as técnicas mais modernas de interpretação e dramaturgia. Chegando o Brasil, se juntou ao teatro de Arena, fez uso das suas experiências, para transmitir conhecimentos através de exercícios e seminários. Augusto Boal fez com que o grupo alcançasse uma nova proposta estética adaptando assim a realidade da época, de modo que, por meio da arte, pudessem alcançar um público politizado, que se preocupasse com a realidade da sociedade.

Essa proposta de Boal pode ser inserida no contexto de busca por uma cultura popular associada à busca por transformação social. Conforme Ferreira Gullar:

O que define a cultura popular, no sentido que estamos aqui, é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social. E é essa visão desmistificada dos valores culturais que, naturalmente, leva o intelectual a agir, em primeira etapa, sobre seus próprios instrumentos de expressão para, através deles, contribuir na transformação geral da sociedade (GULLAR, 1963, p.83).

O popular pode mudar, no sentido de conscientizar as pessoas, no sentido de mudança, ou não intervindo em nada. A arte é um instrumento em que possa contribuir de forma concreta e benéfica. O objetivo do Teatro de Arena, na dramaturgia é apresentar peças que tem a ver com o povo e que busca discutir os problemas sociais, e a forma de vida. Isso é bem executado em em *Revolução na América do Sul* de Augusto Boal (1960).

Para isso, o Arena tinha que conseguir fazer um teatro que mostrasse os problemas da sociedade. Assim, dois livros que chamam para a discussão sobre a cultura popular são. ***A questão da cultura Popular (1963)***, de Carlos Estevam e ***A cultura popular posta em questão (1963)*** de Ferreira Gullar, em que aparece a expressão “arte popular revolucionária”. Uma nova ideia de fazer espetáculos que pudessem contrapor os interesses de alienação, de uma cultura hegemônica defendida pela burguesia.

Na perspectiva do teatro político, os atores tinham como meta exercer influência na formação de ideia do público, fazendo com que o espetáculo não fosse somente um tempo de lazer, mas que também o público saísse com outra visão dos problemas da sociedade.

O movimento artístico Centro Popular de Cultura (CPC), ligado a UNE, exercia suas atividades a princípio voluntariamente. Os jovens estudantes e intelectuais dedicavam ao centro, acreditando na proposta que o Centro vinha exercendo.

A luta artística é uma forma de organização capaz de atingir todas as classes sociais. O objetivo do CPC era mostrar, através da arte, os problemas sociais do povo brasileiro.

Segundo Estevam:

O CPC não poderia nascer nem se desenvolver e se expandir por todo o país senão como momento de um árduo processo de ascensão das massas. Como órgão cultural do povo, não poderia surgir antes mesmo que o próprio povo tivesse se constituído em personagem histórico, não poderia preceder o movimento fundador e organizativo pelo qual as massas se preparam para a conquista de seus objetivos sociais. Não poderia haver CPC antes que fossem criadas e consolidadas as diversas formas de arregimentação e fortalecimento das massas, antes que fossem constituídos os sindicatos operários, as entidades e associações profissionais e regionais, os diretórios estudantis, os partidos políticos de esquerda, os núcleos, as ligas, as frentes, as uniões e todos os demais organismos de vanguarda que centralizam e dirigem unificadamente a ação ascensional das massas. (ESTEVAM, 1963, p. 09).

O pensamento intelectual de esquerda foi marcado pela discussão sobre o popular da cultura brasileira, a esquerda acreditava que era possível alcançar a transformação radical, conscientizando as camadas populares, e tinha como uma de suas armas principais a arte teatral. Isso coube os artistas engajados: incentivar a luta pela revolução.

Mas com a queda do CPC, após a ditadura militar empresarial que se estabelece em abril de 1964, no país, o Teatro de Arena foi um dos poucos grupos que se manteve organizado. Coube, então, ao Teatro de Arena desenvolver uma

nova maneira de fazer teatro como forma de resistência, ao momento político que a sociedade brasileira estava vivenciando. Data do fim dos anos 1960<sup>o</sup> início do trabalho do Arena com as técnicas do Teatro Jornal, uma recuperação de métodos desenvolvidos por coletivos de agitprop soviéticos e alemães, que posteriormente seriam incluídas por Boal na proposta da poética do Teatro do Oprimido.

O estilo popular é estabelecido segundo a necessidade. Por isso o Teatro de Arena foi um marco, pois se adaptou a uma nova conjuntura política do país. Para que assim através da arte fosse um instrumento de luta, contra os problemas que a sociedade estava vivenciando.

Conforme a força do militarismo se estabelecia, as forças populares foram perdendo a potência, porque não estavam de acordo com o novo regime que se formava no país, e eram por ele perseguidas e massacradas. Vários movimentos foram perseguidos: movimento da igreja católica, <sup>1</sup>o MEB (Movimento de Educação de Base), a JUC (Juventude Universitária Católica), a AP (Ação Popular), o PCB (Partido Comunista Brasileiro), o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), os sindicatos e movimentos estudantis.

Mas, para intelectuais era possível atingir a dimensão popular da cultura brasileira pela camada considerada menos assistida. Como arma principal de luta, caberia às artes levar um conhecimento crítico ao povo. Incitar à luta pela revolução e mudar a realidade que o golpe estabelecia, e os limites que se estruturava segundo os militares.

O Teatro de Arena faz uma reconstrução sobre o Quilombo dos Palmares, uma historiografia. Como método adotado por Boal, surge o sistema coringa, essa técnica ganha nova forma de fazer espetáculo, as cenas passam a ter outra dinâmica. Técnica essa que desvincula ator personagem, onde os atores representam diferentes papéis, mantendo a mesma seriedade de cada personagem.

Surge então, em 1965, *Arena Conta Zumbi*, uma peça teatral que entra em cartaz como prática que discutia a história de luta, e a resistência de Palmares. Um espetáculo onde os negros e sua luta de resistência quilombola é o tema principal.

---

<sup>1</sup>MEB – Movimento de Educação de Base, JUC – Juventude Universitária Católica, AP- Ação Popular, PCB - Partido comunista Brasileiro, PCdoB – Partido Comunista do Brasil



Assim, o Arena consegue formar grupos espalhados pelos estados. Segundo Claudia de Arruda Campos, (1988, p.57) “o Arena consegue pelo menos tornar-se um multiplicador de grupos de teatro que se beneficiam de experiências como a dos laboratórios de interpretação e dos seminários de dramaturgias”. Como processo, de 1962 a 1964, com os resultados alcançados conseguem fixar a ideia que tinha como base o compromisso com a realidade do país.

Para dar continuidade nesse movimento Arena foi um laboratório que lançou atores brasileiros como: Chico de Assis, Milton Gonçalves, Nelson Xavier, Gianfrancesco Guarnieri e outros. Por isso, o Arena fez crescer vários atores para a dramaturgia brasileira.

O Teatro de Arena trouxe um projeto de renovação no modo de fazer espetáculos, para conquistar o público, ou seja, assume um importante papel enquanto movimento artístico de luta política.

O Arena manteve-se após 1964, pois:

A resposta é ainda tímida, insuficiente para a revolta surda que se instala quando se trancam os caminhos. Desbaratados os movimentos de cultura popular, o Arena, o único grupo de teatro político que resta organizado, vê-se incumbido da missão de expressar, sob forma mais efetiva, a resistência, o que se fará em fins de 64, com Opinião “show” que marca o reencontro do Arena com integrantes do CPC. (CAMPOS, 1988, p.63).

O Teatro de Arena trouxe um projeto de renovação das formas, para conquistar o público, ou seja, assume um importante papel enquanto movimento artístico de luta política. Um teatro realista que coloca o espectador diante dos problemas sociais. Vianinha, em suas peças teatrais, passa uma realidade possível, tornando significativo à realidade da sociedade.

Quando se une com esforço coletivo, tendo como meta a existência do povo, à arte ela coloca as classes em debate, no sentido de alcançar os seus direitos. Não se pode entrar numa luta sem saber qual é o objetivo a ser alcançado. O Arena já tinha como meta a existência do povo, e fazer um teatro que discutisse o problema do povo.

#### **4 - “Arena Conta Zumbi” um marco de luta e resistência negra**

Aqui trataremos em discutir em diferentes contextos, como se dá a luta negra no Brasil, retratando a força e vitalidade, de vários movimentos, que vieram lutando para que mudassem a realidade dos povos negros da América, em específico no Brasil.

Contar a história de Zumbi é ter uma visão do que foi a escravidão no Brasil. O Quilombo foi se formando para que os negros pudessem se refugiar para libertar da escravidão, que lutam pela razão de viver. Uma história de luta pela sobrevivência.

No teatro os negros não assumiam um papel de destaque. Abdias Nascimento, com Teatro Experimental do Negro (TEN), fez com que os negros fossem protagonistas de sua própria história, assumindo um papel fundamental, como autores e atores das peças teatrais.

A luta pela aceitação do negro no teatro iniciou um movimento que excedia a função teatral e que buscava a construção de uma forma de vida que ia de encontro com a visão da sociedade racista, que abdicou por muito tempo da figura do negro como protagonista ao deixá-lo a margem com papéis estigmatizados e estereotipados. O papel que o TEN exerceu desde a sua fundação, em 1944, procurava não só resgatar uma identidade dilacerada, como também apresentar as raízes afro-brasileiras da arte e para isso iniciou um processo muito amplo que envolvia alfabetização, cursos de história da África e outros, e a mobilização do povo negro para esta causa. (SILVA, 2013, p. 5).

O teatro, por sua vez, faz com que as pessoas manifestem sua opinião. O movimento negro no Brasil vem para colocar os direitos iguais entre brancos e negros, que pudessem ser reconhecidos e respeitados entre si, mas que até os dias atuais os negros sofrem preconceitos. O teatro é uma forma de expressar uma linguagem simples, e ao mesmo tempo transformadora.

Depois que deixou a prisão, em 1944, Abdias deu um início ao projeto de criação do TEN, na cidade de São Paulo. Mas, Abdias Nascimento procurou na capital federal, Rio de Janeiro a sua ficção.

Amplamente a iniciativa do Teatro Experimental do Negro implicou na recusa de um lugar pré-determinado e no questionamento desta determinação que o palco mostrava como reflexo das interações de toda sociedade. Neste sentido, ao ser pensado como sujeito do próprio destino o negro, a que o TEN queria atingir, acabou por chamar para si boa parte da responsabilidade de tornar-se passível de ser integrado, mas sem perder de vista o tornar-se sujeito, tornar-se autor, e não meramente expectador ou coadjuvante, na luta por condições efetivas de integração. (ROSA, 2007, p.118).

Poderíamos dizer que para as ideias que o movimento negro defendia eram contra a opressão e exploração, ou seja, os negros eram visto por muitos na sociedade como objeto de trabalho, para isso, a luta de séculos quis mostrar outra ideia, contrária, que são sujeitos de direitos a liberdade, a vida.

O TEN existiu entre duas ditaduras, e ambas o influenciaram de alguma maneira. O Estado Novo, que acarretou uma redefinição dos movimentos sociais negros, determinante na conformação do grupo, e a Ditadura Militar cujo Ministério das Relações Exteriores, não autorizou sua participação no I Festival de Arte Negra no Senegal em 1966. Ironicamente a justificativa que de certa forma encerrou a atividade teatral do TEN, em 1966, dizia que o grupo não seria representativo da cultura brasileira, o que lembra em muito uma das primeiras declarações a respeito da fundação do grupo em 1944 que se dizia contrária a um agrupamento como este, pois o teatro deveria ser somente um reflexo da vida dos nossos costumes, tendências, sentimentos e paixões. O Teatro Experimental do Negro realizou outras atividades até 1968, sempre em uma busca por um papel que lhe foi No entanto, um dos principais objetivos do TEN logo em seu início, em 1944, que era dar ao negro a possibilidade de ser ator dignamente foi alcançado num mundo artístico que ainda hoje insiste em reproduzir os estereótipos tão criticados pelo TEN. (ROSA, 2007, p.120,121).

As ideias defendidas pelo TEN movimento que buscava reconhecimento dos negros no teatro, mas sofria fortes resistências, dessa maneira, a busca incessante dos movimentos para que fossem reconhecidos no teatro brasileiro.

Na peça *Arena Conta Zumbi*, de Augusto Boal, em alguma medida podemos perceber uma continuidade das ideias lançadas pelo TEN. Ao contar a história de

escravos que vinham de países africanos para ser explorados pelos senhores de engenhos nas fazendas, a obra retrata a ofensa a moral, à dignidade dos negros, tudo norteado pela exploração da mão de obra.

Contar a história de Zumbi é ter uma visão ampla do que foi o Brasil, o quilombo foi se formando para que os negros pudessem se refugiar, se libertarem da escravidão, que lutam pela razão de viver. Conforme Boal e Guarnieri (1965), na canção de Arena “história de gente negra da luta pela razão, que se parece ao presente pela verdade em questão, pois retrata uma luta muito linda na verdade: é luta que vence os tempos, luta pela liberdade” uma história de luta pela sobrevivência. Pois é uma fotografia da história do nosso país, a luta negra em busca da liberdade, para sair das algemas de dominação das elites.

De acordo com Freitas:

A marginalização das revoltas escravas obedeceu a múltiplos e fortes interesses históricos, entre os quais ressaltam como mais óbvios os de preservar os mitos habilmente elaborados e hoje solidamente arraigados do caráter pacífico daquele processo e da brandura do sistema escravista brasileiro (FREITAS, 1978, p. 11).

Os povos negros viveram longos séculos deixados de lado à margem da pobreza, o Brasil tinha um projeto de nação a ser alcançado, e que não poderia ter mais escravidão, mesmo assim foi um dos últimos a abolir a escravidão. Na peça Zumbi os personagens lutam movidos pelo desejo de serem livres e ter um lugar, onde pudessem construir suas famílias.

Assim, o Arena buscava, através da arte, dar formas novas as peças, desde que pudessem passar uma linguagem a ser entendido por todas as classes sociais. Um teatro em que os povos pudessem compreender o que os atores tinham a apresentar ao público. Assim mostrava uma nova tendência de fazer teatro, que tinha a ver com o povo.

O teatro de Arena tem vários traços marcantes, como a influência da estética de Bertolt Brecht (1898-1956). As obras desse dramaturgo se preocupavam com as causas políticas, sem deixar de salientar que traz um caráter inovador na proposta

artística. Buscava, na sua totalidade, uma maneira de refletir sobre os problemas políticos, fazendo uma crítica severa ao poder.

Neste sentido, Peppe faz uma análise que, destacando a influência de Brecht na dramaturgia brasileira, no envolvimento com a sociedade:

Nesse sentido, a poética de Brecht sintonizava-se com a proposta política do Arena, na qual o teatro deveria refletir sobre a realidade e modificá-la, como ocorre em *Zumbi*, onde a luta contra a opressão é trazida para o palco, levando os espectadores a compreenderem, não só um fato histórico (Palmares), como também, retirar dele lições para lidar com o presente. (Peppe, 2004, p. 05).

Na peça *Arena Conta Zumbi* lança essa nova maneira de fazer teatro, mais politizada, mudando o modo de ver a realidade e tentar de alguma maneira intervir. Uma peça que apresenta uma história de escravidão, de uma luta que duraram décadas de batalhas.

Dessa maneira, *Arena Conta Zumbi* lança essa ideia de resistência na contraposição, levando assim um teatro popular revolucionário. Fazer esse tipo de teatro nunca foi fácil e nunca vai ser fácil, só o trabalho que vai definir aonde chegar, entre a justiça social e qualidade de vida, dos povos que ficam marginalizados. A ideia, não é ser melhor que os brancos, mais sim que o tratamento pudesse ser igual, e isso permaneça até os dias atuais.

A peça *Arena Conta Zumbi* (1965) entra em cartaz em plena ditadura, assistido pelas forças armadas. Já, quando a peça “Zumbi” versão adaptada é novamente apresentada em 2013 é outra realidade, as forças políticas, e os grupos que defendem os direitos de inclusão estão em alta. A realidade, a forma de opressão, é menor, mas que mesmo assim negros são vítimas de racismo.

Dando continuidade ao projeto de Boal e Guarnieri na peça *Arena Conta Zumbi* (1965) uma nova versão foi adaptada, chamada “Zumbi” (2013) dirigida por João das Neves. Faz uma releitura da peça original e busca readaptar a peça, em que os atores são todos negros, com a música original de Edu Lobo. Essa nova versão, foi apresentada no Teatro da Caixa, em Brasília, com uma plateia lotada. Em

duas apresentações os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, assentados e quilombolas, puderam assistir, gratuitamente, e na segunda ocasião, tiveram a oportunidade de debater com o diretor e com todo o elenco.

#### 4.1 Análise da peça “Arena Conta Zumbi” (1965).

Escrita por Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, *Arena conta Zumbi* representa a luta do quilombo dos Palmares e sua resistência, de 1965. Esta é uma das apresentações mais instigantes que resgata a saga Zumbi. A peça coloca em evidência a luta do quilombo dos Palmares.

A peça *Arena conta Zumbi* estréia no dia primeiro de maio de 1965, no Teatro de Arena, em São Paulo, e tem no elenco, Anthero de Oliveira, Chant Dessian (Isaías Almada), David José, Dina Sfat (Susana de Moraes), Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, Marília Medalha e Vanya Sant’ Anna.

No primeiro ato, o elenco começa a cantar assim:

1 – O Arena conta a história  
pra você ouvir gostoso,  
Quem gostar nos dê a mão  
E quem não, tem outro gozo.

2 – Histórias de gente negra  
da luta pela razão,  
que se parece ao presente  
pela verdade em questão,  
pois se trata de uma luta  
muito linda na verdade:  
é luta que vence os tempos,  
luta pela liberdade!

3 – A história que o Arena conta  
É a epopeia de Zumbi;  
tanto pró e tanto contra  
juro em Deus que nunca vi.

4 – Os atores tem mil caras  
fazem tudo neste conto  
desde preto até branco  
direitinho ponto por ponto.

5 – Há lenda e há mais lenda

há verdade e há mentira  
de tudo usamos um pouco  
mas de forma que servira  
a entender nos dias de hoje

quem está com a verdade,  
quem está com a verdade,  
quem está com a mentira.  
(BOAL E GUARNIERI, 1965, p.01).

A canção representa a vida dos negros, que busca interpretar através da letra, entender à forma de resistência do negro na luta pela independência e pela sua liberdade.

A letra da música é fundamental na apresentação do espetáculo. A mensagem pode ser um meio de denúncia, tendo uma função política, pois as canções representam muito e repercutem com a música popular brasileira (MPB). Com o golpe militar a música passa a direcionar a sua mensagem, dando sequência a uma luta dada aos anos anteriores.

Muito além de um espetáculo moderno, *Arena Conta Zumbi* foi um dos grandes espetáculos dos anos 1960. Conta uma história de luta de Palmares, de um negro, que se rebela contra a forma de vida que levava nos cativeiros e fogem construindo o quilombo.

Um das pesquisas dos dramaturgos para que a peça *Arena Conta Zumbi* fosse escrita foi o livro de Edison Carneiro, *O quilombo dos Palmares (1630-1695)*. Esta obra apresenta um estudo sobre a formação de Palmares.

É uma história que conta a saga de um rei Zumbi que se rebela contra os horrores dos cativeiros e resolve ganhar a mata, para construir um lugar onde pudessem viver com as suas próprias leis e regras. Quando tentava fugir eram amarrados com uma gargantilha e os tornozelos com correntes, dificultando a locomoção. Quando eram acusados de furtos, eram amarrados no rosto com uma máscara de ferro fechado com cadeados, com dizer amarrado nas costas de ladrão.

Conforme Cláudia de Arruda Campos:

Anos depois o navio negreiro trará o neto que Zumbi deixara pequenino em terras de Luanda. É Ganga Zona, a quem os negros de Palmares libertam e

conduzem aos quilombos. A ele se juntará, quando crescido, seu filho, Ganga Zumba, nascido no cativeiro e que virá a ser o último rei o defensor dos Palmares (ARRUDA, 1988, p, 70).

A natureza que a peça “Arena Conta Zumbi” é posta nos palcos desfruta de um momento único da vida política do Brasil. Assim, a arte teatral é capaz de construir e reconstruir. De certa forma, Ganga-Zumba um guerreiro que lutou para defender seu povo das mãos dos exploradores. A peça é uma forma de pôr em cena as formas de luta contra a opressão.

Embora os escravos fossem submetidos à escravidão eles não eram totalmente passivos. Segundo Iná Camargo Costa (1996, p.112) “Zumbi em alguma medida é também expressão do movimento intelectual de revisão da história do país, ocorrido em sintonia com a ascensão das lutas populares desde os anos 50” [...]. Uma forma de denúncia aos problemas, ocasionados com a exploração dos negros.

Conforme Iná Camargo Costa:

Posta entre parênteses a situação política em que foi criada, a peça corresponde a uma luta das mais sérias tentativas, no âmbito do teatro moderno brasileiro, de pôr em cena uma forma de luta contra a escravidão, com a vantagem de adotar o ponto de vista do escravo e de desafiar, por esse ponto de vista e pelo recorte histórico (a tática dos quilombos), ideias até então correntes sobre a passividade com que os negros se submetem a condição escrava – ideias cuidadosamente cultivada e entendida aos trabalhadores em geral [...]. (COSTA, 1996, p.112).

A peça destaca a importância de retratar em cena a luta dos negros. Ao destacar a importância da resistência, *Arena Conta Zumbi* destaca-se como um espetáculo novo, que tem a ver com a realidade do povo. Mas conforme Iná Camargo Costa (1996, p.115) destaca “[...] o problema é que o Arena estava fazendo teatro épico e não dramático [...]. O autor coloca no espetáculo a história de Zumbi, assumindo um papel de historiador.

Contar esse espetáculo é voltar o passado vivendo o presente. Na primeira cena, Arena conta que:



O número de mortos na campanha de Palmares – que durou cerca de um século – é insignificante diante do número de mortos que se avolumam, ano a ano, na campanha incessante dos que lutam pela liberdade. Ao contar Zumbi prestamos uma homenagem a todos àqueles que, através dos tempos, dignificam o ser humano, empenhados na conquista de uma terra da amizade onde o homem ajuda o homem. (BOAL E GIANFRANCECO, 1965, p.01).

A peça *Arena Conta Zumbi* conta à saga que foi a construção de Palmares, um refúgio dos negros, ou seja, aonde pudessem construir suas casas produzir seus alimentos. Com o tempo pudessem casar e formar suas famílias. Uma peça ampla que começa com a canção de “liberdade” e termina com uma história de gente que lutou até o fim, em busca da paz.

Conforme Iná Camargo Costa:

Há novas perdas graves para os quilombolas e, em função delas, tem-se a sucessão na chefia, que passa para Ganga Zumba com o suicídio de Zumbi. Os conselhos de Zumbi a Ganga Zumba, em prosa, verso e canção, muito inspirados em poemas de Brecht, anunciam que o tempo de chefia a ele reservado será um tempo de guerra sem quartel. Quando se apresenta como chefe e conclama seu povo à luta, é aclamado Zumbi. (COSTA, 1996, p.121)

Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri conseguem fazer com que a peça *Arena Conta Zumbi* mostrasse com exatidão o que foi a vinda dos negros para as Américas como também a construção de Palmares. O sentido aqui dado pelos autores é fazer uma historiografia do que foi Palmares, só assim conseguem mostrar uma riqueza de detalhes sobre a vida de Zumbi.

Na peça há uma discussão sobre o significado de se tornarem livres em suas terras:

Cena 7. Negros de todos os lugares procuravam as matas fugindo desesperados. Horror a chibata, ao tronco e às torturas. Buscavam no desconhecido um futuro sem senhor. Enfrentavam todo o perigo. Fome,

sede, veneno, flecha dos índios, capitães do mato. Agonia pela liberdade. Ideia de ser livre. (BOAL e GIANFRANCESCO, 1965, p. 2).

Na representação, constata-se que ser livre é ter espaço na sociedade. Essa é uma visão equivocada, pois não basta ser livre. É preciso ter espaço na sociedade e não ser avaliado pela cor da sua pele, mas sim pela sua capacidade intelectual.

Os horrores dos cativeiros fizeram com que os negros se revoltassem contra os seus donos e fugissem. A forma de vida era calamitante, eles acabam ganhando as matas corriam risco de perder a vida, mas, na certeza de que encontrariam um espaço para que pudessem encontrar a liberdade.

Segundo Claudia de Arruda Campos:

Zumbi é uma peça em dois atos. O primeiro compreende os acontecimentos que vão do cativo e fuga de Zumbi, passando pela construção de Palmares, uma sociedade livre e pacífica sustentada pelo trabalho e pela solidariedade, até a chegada e aclamação de Ganga Zumba o bisneto de Zumbi, o que coincide, no mundo dos brancos, com importantes mudanças: D. Pedro de Almeida, que firmava a paz com os negros, é destituído, assumindo o governo D. Ayres de Souza Castro, que será responsável pela organização férrea e decisiva da repressão. (CAMPOS, 1988, p.73).

Os atos da peça podem ser proporcionais pelo autor à vinda como seria representado numa peça teatral, assim também como a chibatada dada em cena no ato da peça o que ela representa para a sociedade moderna e a fuga dos negros em busca da sua independência e refúgio.

Na versão adaptada “Zumbi” 2013, inicia a peça os atores estão deitados ao chão, justamente como forma que eram trazidos nos porões dos navios, ao som de toques compassados, o toque de tambor representa a dança a musicalidade africana. “Zumbi” (2013) houve uma mudança significativa na peça, a musicalidade particularmente é a mesma de (1965), os atores são todos negros. E em 1965 os atores entravam em cena caracterizados. Já a cenografia moderna faz com que a peça ganha uma nova projeção, os recursos são melhores. Em 1965 o palco era um pouco limitado e nem tinha cenário.

Para versões da peça (1965-2013) tem um significado importante para a sociedade. No primeiro momento a peça “Arena Conta Zumbi” é posta em cartaz em plena ditadura militar. No segundo momento versão “Zumbi” é apresentado com projeções bem diferentes. O autor da peça coloca uma linguagem de um português mal falado, que pode representar um dialeto africano, da sua cultura.

De acordo com Iná Camargo Costa:

Sendo o público do Arena, àquela altura, basicamente constituído por estudantes de esquerda (de ativos militantes e vagamente simpatizantes ou curiosos), não haveria motivo para surpresas com a sua identificação aos quilombolas. Trava-se de uma pré-disposição que o espetáculo cuidou de capitalizar. Mas a problemática aproximação da luta democrática com o sonho palmarinos, determinando, no texto e no espetáculo, uma discutível organização dos materiais (tópicos, episódios, técnicas etc) resultou numa obra estética e politicamente falsa. (COSTA, 1996, p.125).

Enfim, segundo Décio de Almeida Prado (1984, p. 68) “apesar de tantas e tantas objeções, *Arena Conta Zumbi* é um espetáculo agressivo e inteligente”, ou seja, é capaz de por em cena o que foi o quilombo de Palmares dando assim uma nova forma de fazer teatro. É capaz contar uma história apagada sobre a escravidão brasileira.

Pode-se dizer que o sucesso de *Arena Conta Zumbi* a mensagem que ela passa, na dinâmica que o conteúdo é mostrado estimulando o espectador a pensar, sobre a saga Zumbi. Mas, vale ressaltar aqueles que aceitam e que não aceitam, no sentido que identifica com o conteúdo e outros por não fazer parte de seu mundo. As reações diversas e os debates sobre a peça estão presentes nos nossos cotidianos de modo marcante no teatro brasileiro contemporâneo.

Na cena 23 da peça *Arena Conta Zumbi* destaca:

ZAMBI: Ser livre não é encostar o corpo. Ser livre é poder trabalhar e vigiar e poder continuar sendo senhor de si. Quem procura na vida só o que é doce, não vai ter nem doce e nem fel e sem rezina, homem perdido pra vida, escravo no fato e na verdade.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

ZAMBI: Pois que Zambi é rei, Zambi; vai dar as ordens. É no trabalho que um da gente pega o sol com a mão. É no trabalho que se faz o mundo mais de jeito. Em cada coisa que a mão livre do negro encostar, novas coisas vão nascer. Não vamos viver só das coisas já nascidas, das coisas que Deus deu. Vamos fazer o mundo mais de nosso jeito. (BOAL E GUARNIERI, 1965, p. 04).

Os negros buscavam desesperadamente fugir dos cativeiros para se refugiar das mãos dos senhores, aonde pudessem trabalhar de forma livre, sem ter que trabalhar sobre chicotadas.

Sobre isso Claudia de Arruda Campos ressalta:

A exortação à continuidade da luta sustenta-se em parte na descrição idílica desse mundo livre onde “o homem ajuda o homem”, mas o que principalmente a justifica é a tentativa de compreender e mostrar as causas as causas da derrota, as quais, em suma, podem ser reduzidas a desproporção das forças que se enfrentam: de um lado, a malícia e a violência armada do branco; do outro, a ingenuidade, o desejo de paz, para usar uma expressão brechtiana, a “bondade desarmada” do negro. (CAMPOS, 1988, p.74).

De fato a peça *Arena Conta Zumbi* alcança através da sua forma um conteúdo muito rico, um legado de reconhecimento para a dramaturgia. Assim, para elaboração de uma peça que trata de um fato concreto a luta e resistência negra. De certa forma contribuiu para que tomasse autoconsciência, do que foi a saga Zumbi.

Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri o quilombo foi se formando, com esforços. Na cena 34:

Trabalha, trabalha, trabalha irmão. Trabalha, trabalha, de coração. Palmares esta grande, Palmares cresceu, com a força do braço do negro que sabe o que é seu. Zambi que é rei sabe governar e já fez coisas de espantar. Zambi venha ver eu acabar mais uma casa pra gente morar. (BOAL E GUARNIERI, 1965, p. 06).

A busca incessante pela liberdade onde pudessem trabalhar de coração, em busca de formar um quilombo onde homem ajuda o homem. O quilombo só cresceu por que recebeu muitos negros, que buscava refúgios. O trabalho era livre para si

mesmo, sem que fossem castigados. Mas, tendo no quilombo suas próprias regras, assim poderiam ser independente da sociedade interna, mas não foi possível devido as forças externas da sociedade.

Conforme Décio de Almeida Prado:

O mais curioso é que a história de Zumbi, por si mesma, já tinha aquele alcance revolucionário que a peça tanto se empenha em lhe dar. Uma sociedade baseada na escravidão, como a brasileira, não podia admitir, por coerência interna, uma comunidade de negros livres, não tanto pelos prejuízos que acarretava – fugas constantes de escravos – como pela ideia que encarnava, ideia de liberdade que, empregava em relação ao pretos, resultava forçosamente em outra ideia, ainda mais perigosa: a da igualdade racial, primeiro passo para a igualdade social. (PRADO, 1984, p. 67).

Como analisado a peça *Arena Conta Zumbi* já tinha um foco revolucionário porque colocada em pauta à luta negra no Brasil. Ainda que um dos grandes lemas liberdade, igualdade não se concretizaram definitivamente. Pode-se dizer que somos todos iguais perante a lei, mas que na pratica não é bem assim, muitos são julgados pela cor da sua pele, ou condição social.

Claudia de Arruda Campos destaca pelo fato de que a peça traz um distanciamento entre brancos e negros.

A mensagem é sobre tudo moral e a impressão de um moralismo de fundo não vem só da prescrição de uma luta em nome de sua dignidade, mas da insuficiência exploração dos motivos de cada um dos oponentes, sobretudo entre os inimigos. As razões da liberdade ainda então melhor especificadas: os negros fogem para construir um mundo melhor onde o homem, porque trabalha para si e não para outrem, cria a prosperidade para todos. O opressor quer destruir os quilombos para impedir esse progresso e o faz atendendo às ordens da metrópole, do poder externo [...]. (CAMPOS, 1988, p. 77).

O distanciamento destacado trata de uma luta sem sim. Os brancos pela hegemonia. Os negros pela liberdade. *Arena Conta Zumbi* é uma peça que tens erros e acertos em contar essa história na medida em que vai dando sequencia aos fatos, em mostrar a luta que levaram a construção de Palmares, tendo visão de

liberdade aos negros, fugiam para que possam ter uma vida melhor. O opressor quer destruir esse mundo criado pelos negros.

Destaca-se que é uma peça que coloca os espectadores a fazer uma reflexão sobre a forma que os negros eram tratados. Assim se forma um país onde negro eram considerados como objetos, sendo castigados por fazer coisas que contrariavam os senhores.

*Arena Conta Zumbi*, é uma peça com muitos contrapontos que ao contar a história retrata a luta que acarretou na construção de Palmares, tendo uma visão de liberdade aos negros que fugiam buscando a liberdade. Mas o opressor contrário aos ideais dos negros destruiu o quilombo com a finalidade de transformá-los em reféns do poder e desta forma aprisioná-los.

Décio de Almeida Prado, citado por Claudia de Arrudas Campos retrata bem essa realidade:

Arena conta Zumbi, é uma história narrada sem nuances, apenas em preto e branco – mas com as cores trocadas. Os negros têm o alvor das asas dos anjos; constroem um paraíso de pujança econômica, de justiça social, e ainda por cima com deliciosos toques de erotismo. A fórmula perfeita; o trabalho livre e o amor livre. Em compensação a alma dos brancos é o negror das trevas de satanás: arrasam, pilham, esfolam, roubam, matam. Os pretos são valentes, fortes líricos sensuais. Os brancos são decrépitos, adamados, pernósticos, ridículos. Supreendentemente os brancos vencem. Deve haver alguma coisa que não foi bem contada. (OP. CIT. CAMPOS, 1988, p.88).

A história narrada, conta a saga dos negros em busca por justiça social enquanto os brancos buscam separá-los do convívio social os negros almejam serem respeitados como seres humanos e tendo livre acesso aos mesmos privilégios que os brancos. Destaca-se pelo fato de Arena Conta a História de Zumbi, contar a história de um rei que se imortalizou em defesa de seu povo. Sem dúvida, a busca pelo trabalho livre, reforça as grandes lutas em defesa do ideal defendido pelos negros, mas não resistem e acabam sendo derrotados pelos brancos.

*Arena Conta Zumbi* desvincula o ator/personagem a peça passa ser apresentado coletivamente, aonde um ator fazem vários papéis. Mas, essa técnica

não surgiu no teatro de Arena, já existiam no teatro Grego. Em 1965 os atores entravam em cenas caracterizadas, completava os figurinos os vestuários. Assim aproximariam mais da realidade contada. *Arena Conta Zumbi*, pela forma que é contada, tem um significado muito importante para a história brasileira, e para o teatro. Com essa técnica, Arena busca resgatar uma técnica bem eficiente.

De acordo com Maria Aparecida Peppe:

A primeira técnica utilizada na nova proposta foi a desvinculação ator-personagem, onde os atores representavam diferentes papéis, mantendo a “máscara” (padrões de comportamento) permanente para cada personagem. Nenhum ator teria nenhum personagem como propriedade privada. Todos poderiam interpretar qualquer personagem. Boal sistematizava assim, o chamado sistema Curinga. (2012, p.4).

Considerando que a peça traz uma nova forma de fazer espetáculo. Que busca desvincular o ator do personagem. De acordo com Claudia de Arruda Campos:

Zumbi interessa ainda hoje concepção cênica que foge do tradicional e foi, em seu tempo, surpreendente. É um espetáculo despido de qualquer aspecto inessencial. Não a cenários. No palco vazio a ambientação é sugerida pelo próprio texto, por efeitos sonoros e de iluminação e, sobretudo, pela movimentação dos atores. Estes por suas vez, aparecem vestidos da mesma maneira: calça Lee branca e camiseta escuras.[...] A desvinculação ator/personagem tem uma função importante: através dela busca-se um desempenho épico e um carácter coletivo para a narração, sob dois aspectos – por um lado, o personagem deixa de ser um indivíduo para mostrar-se como integrante e representante de um grupo social; por outro, com os atores fazendo (narrando) todos os personagens, procura-se uma interpretação coletiva regida por uma única perspectiva; “O Arena conta a história” (1988, p. 79).

Conforme Peppe:

Interpretado como um herói que organiza e lidera seu povo na luta pela liberdade, resistindo à opressão colonial, Zumbi pode ser lido como uma alegoria da liberdade, ocultando um outro sentido, um “dizer o outro”, que precisa ser desnudado para que se compreenda como figuram os personagens e as situações cênicas. A alegoria traça um paralelo com o

presente, permitindo aos autores se resguardarem do perigo da represália do governo autoritário, mas não oculta a decodificação, revelando-se numa crítica ácida e irreverente à recente conjuntura nacional. (2004, p. 7).

A forma que autor coloca na peça em mostrar o real de forma épica, que através da arte possa demonstrar uma forma mais crítica, além de uma apresentação moderna. Na proposta de *Arena Conta Zumbi*, em mostrar uma realidade, capaz de vincular com momento que o país vivenciava naquele momento. O que leva os espectadores a tomar consciência, e compreenderem que não é somente um ato passageiro, mais que a partir daí possa refletir sobre o que acontece na sociedade e tenta intervir sobre ela.

Na peça *Arena Conta Zumbi*, é uma história vivida pelos negros, onde se formou o quilombo dos Palmares (1630). O texto rico construído a partir de outra bibliografia à principio de Edison Carneiro (1947), surge uma peça importante para o teatro, o tempo centrado na luta e pela liberdade, de um lutador Zumbi que foi derrotado em defesa do seu povo.

A vida simples dos negros nos quilombos retiravam das matas o necessário para a sua sobrevivência. A floresta seria um refugio, o rigor dos cativeiros fazia com que os negros, procuravam a fuga das fazendas. Depois que os negros sofriam horrores nos navios, e ser humilhados no mercado de escravos, era metido no tronco com pescoço e com as mãos amarrados.

Na medida em que Palmares vai ganhando população começa a exploração da mão de obra, na cena 43 “Branco comprando. negro vendendo, branco trocando, negro se armando. Pra cada pote de argila pra cada cana vendida, se compra uma espingarda pra defender nossa vida”. Como Palmares foi se construindo os brancos começam a compra e as relações começam a aparecer, mas com essas vendas dos bens produzidos os negros vai se armando para confrontos posteriores e puder se defender, assim foi tendo uma relação de troca.

Na peça pode ser observada, a relação entre brancos.



Cena 44. Cantador “E tanta riqueza Palmares produzia que o branco começou a se comover e no vende que vende e troca até mesmo amigo do negro quis ser E o branco comerciante contava na cidade ter pelo negro quilombola uma grande amizade ”.(BOAL E GIANFRANCESCO, 1965, p. 07).

Com os bens que Palmares ia produzindo os comerciantes começam a ter uma relação fraternal. Na cena a seguir.

Cena 45 - COMERCIANTES: Nós os brancos comerciantes sabemos ter muita amizade pelo negro que trabalha tão distante da cidade. Queremos paz, prosperidade, chega de raiva e de maldade, de tudo um pouco nós compraremos e muitas armas venderemos. Pra que o negro não se sinta tão sozinho no sertão E quem é amigo sempre se entende e bons preços conseguiremos, e o negro nos compreende e das armas tem precisão. (BOAL E GIANFRANCESCO, 1965, p. 07).

Assim tendo uma relação de amizade o que era um disfarce, os brancos só aproximaram com interesses de mercado, a compra e venda ficaria mais fácil. Os brancos nas cidades e negros na mata, uma relação bem distante mesmo assim consegue a aproximação, em busca da paz. Os brancos conseguiriam bons preços e também conseguiriam boa amizade, com os negros.

Os negros cometem um erro, talvez pela sua simplicidade, com a riqueza de Palmares aumentando, foram atraídos pelos comerciantes brancos, os negros elevaram os preços dos produtos, deixando de ter a relação de troca. Os negros ingênuos imaginavam que seriam defendidos pelos comerciantes brancos. Mas, isso não aconteceu, os comerciantes se aliaram aos senhores de terra para destruir os rebeldes.

Na cena 46:

Nós os brancos senhores da terra fiéis vassallos de Portugal aqui chegamos, lutamos, vencemos e desbravamos esse país. O que aqui existe só a nós pertence, aqui trabalhamos, nosso sangue correu. Os negros trouxemos, o negro compramos pagamos bom preço ao barão espanhol. A paz que se pede com o negro rebelde é paz enganosa, é pura traição. Paz é quietude que trará sofrimento é perda de ouro, da honra e de tempo. Negro que foge é negro perdido dinheiro guardado é não devolvido. Negro que foge é negro rebelde é o grito de guerra de um mero cativo. A paz é a vitória, do subversivo.

– Viva a guerra! (BOAL E GUARNIERI, 1965, p. 08).

Ou seja, que os donos das terras não queriam perder o controle sobre os negros, que foram trazidos para trabalhar para os senhores. A liberdade dos negros era um enfrentamento aos interesses dos senhores donos das fazendas. A paz que os brancos buscavam eram uma tática para atacar e destruir Palmares.

Nessa mesma virtude a religião tem uma influencia muito forte, na formação de opinião da sociedade, como na cena 57.

DOM PEDRO – Há algo melhor que a liberdade? Não há. A liberdade é a glória de uma coroa, a glória dos bem nascidos (aqui ele erra e fala primeiro recém nascidos, o ajudante corrige). Mas pobres valores da nossa sociedade se admite que o negro, naturalmente inferior, por vontade de Deus destinado ao cativo, que não o infelicitava, mas ao contrário, o humaniza – a escravidão dignifica o negro! Integrando-o na sociedade na posição que lhe compete. Eis a ameaça que pesa sobre o Brasil.

– E veja Excelência. Esses negros, inferiores pela própria natureza, ameaçam construir uma sociedade bem mais aparelhada, produtiva e forte do que a nossa. É anti-histórico. (BOAL E GIANFRANCESCO, 1965, p. 10).

A força religiosa na época era muito forte que interferiam muito, continuando em dizer que negros ou pobres são frutos da natureza. Não é a religião em si, mas quem os comandava. O bispo era o representante da igreja, e dizer que negros não temia a Deus. Pode ser que os negros tinham a sua própria opção religiosa. E ainda dizer que negros soltos são negros perigosos. Dizer que cativo os humaniza é um equívoco.

O tema dos negros Ganga-Zumba e Zambi, na cena 87:

GANGA ZUMBA – Quilombolas! Tudo estão fazendo pra acaba com nos e nos resiste. Nossa esperança é luta. Luta sem descanso até não pode mais. Tão usando de tudo. Até mesmo a doença de nossa gente tão usando contra nos. Mas nos resiste. É o que fica pra negro escravizado. Quilombo em luta, faço chamada de apelo! Meu irmão Ganga de Quiloange! (BOAL E GENFRANCESCO, 1965, p. 18).

Os brancos usavam de diversas formas para acabar com Palmares, mas com força e união os quilombolas resistiram aos vários ataques. Pois a única esperança era vencer.

Nas palavras de Ganga Zumba, na cena 89:

GANGA ZUMBA – Eu vivi nas cidades no tempo da desordem. Vivi no meio da gente minha no tempo da revolta. Assim passei os tempo que me deu pra vive. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio das batalha. Amei sem ter cuidado... olhei tudo que via sem tempo de bem ver... por querer liberdade. A voz de minha gente se levantou. Por querer liberdade. E minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito, mas grita eu bem gritei. Tenho certeza que os dono dessas terra e sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei o tempo que me deu pra vive. Por querer liberdade. (BOAL E GUARNIERI, 1965, p. 18).

Conforme destaca na cena 90:

TODOS – Por querer Liberdade!

GANGA ZUMBA (Gritando) – Tanto cansou...

TODOS – Entendeu que lutar afinal é um modo de crer é um modo de ter razão de ser. O açoite bateu, o açoite ensinou bateu tantas vezes que a gente cansou!!!

ATOR – E assim, termina a estória que bem e fielmente tresladamos. Boa noite! (BOAL E GUARNIERI, 1965, p.18).

Boal e Guarnieri coloca em cena um momento decisivo da morte do líder do quilombo, a luta era um meio para libertar o seu povo. Há um modo de ver e pensar a realidade. Só assim o sujeito toma a consciência da classe que os mesmos pertencem. O açoite foi um tratamento que os senhores davam aos negros, mas os negros foram se incomodando com o modo de tratamento dados. A fuga a construção e a morte do líder do quilombo foi uma forma de contar uma história vivida pelos negros que durou séculos de exploração.

Na afirmação de Claudia de Arruda Campos:

Menos por aspectos materiais e duradouros da peça do que pelo clima que criava, Zumbi permitia, por instantes de forma visionária, a consciência de uma identidade, a vivência de alegria, do bem-estar possível em uma terra da amizade que, assim vislumbrada, se fazia a estrela pela qual valia a pena empenhar-se, pela qual se tinha renovada ânsia de lutar (CAMPOS, 1988, p. 91).

*Arena Conta Zumbi* é uma peça importante para a dramaturgia brasileira. Demonstra a relação entre a ação e o ato de representar. *Arena Conta Zumbi* é uma peça com seriedade e, ao mesmo tempo, uma comédia. Palmares foi derrotado pela força da repressão liderado por Domingos Jorge Velho. Através da peça *Arena Conta Zumbi* um herói que organizava ao mesmo tempo lutava, contra a repressão.

Da formação de Palmares (1630) e a destruição de Palmares (1695) pelas forças repressivas, são longas décadas de lutas, contra os opressores, liderados por Domingos Jorge Velho. O quilombo de Palmares se torna um marco da luta e resistência.

De acordo com Iná Camargo Costa:

[...] Dispondo de material literário semipronto, Boal e Guarnieri traçaram dramaticamente os fios da saga palmarina sem perceber que com isso desperdiçavam o material de pesquisa histórica encontrada em Edison Carneiro. Assim só mostraram o quilombo em suas lutas defensivas e descuidaram das retaliações, dos diferentes tipos de ataque (aos engenhos, para libertar escravos, às povoações mais próxima, para a obtenção de armas e munições) e das diferentes táticas adotadas ao longo da luta. E mais grave, perderam uma oportunidade única de mostrar que Zumbi, longe de ser um posto militar (como se deduzir a partir dos inúmeros relatórios militares sobre sua morte) ou uma entidade (que teimava em reaparecer depois de “morta”), nada mais era do que um guerreiro, chefe de uma das fortificações, que rompeu com Ganga-Zumba por ter este acreditado num dos tratados de paz com os brancos, depondo as armas e entregando-se a sua proteção. (COSTA, 1996, p.126).

Assim Boal e Guarnieri consegue contar uma história importante do processo de luta negra. Zumbi, que tornou-se imortal em função do caráter simbólico de sua resistência, e defesa da liberdade, não venceu a batalha mais procurou defender o ideal, que tanto almejava a busca pela paz.

## 5 - Considerações finais

Para finalizar, concluímos que a análise crítica sobre a perspectiva política do teatro na década de 1960, com ênfase na peça *Arena Conta Zumbi*, abrange um movimento artístico capaz de retratar uma história referente ao movimento negro no Brasil. Compreendemos que o estudo sobre a peça *Arena Conta Zumbi* contribuiu para mostrar a ligação entre o campo brasileiro, a questão racial e a luta política.

Ressaltar a ligação da peça com o tema da pesquisa é de suma importância, pois ocorreu em 1965, período em que o país vivia um regime militar.

Refletir sobre os conflitos é fundamental para entender a realidade brasileira, onde na maioria das vezes os que dominam pelas vias de comunicação formam a opinião da sociedade.

Boal e Guarnieri fizeram uma síntese do que foi a escravidão brasileira. Uma observação importante da realidade, a começar por uma violência que afetou milhares de negros, a escravidão, que marcou a história do Brasil. Muitos trabalhadores escravizados perderam suas vidas, em busca do progresso, e até hoje trabalhadores são escravizados.

Na década de 1960 várias peças foram expostas e questionavam os problemas sociais da sociedade. *Arena Conta Zumbi* foi uma resposta ao golpe, porque colocava em discussão um assunto político da sociedade.

Para entendermos o assunto da peça precisamos compreender como a influência do negro na luta e pela sua independência está ligado à peça, como também na formação de Palmares, uma luta política no campo. Também precisamos compreender a história da formação de Palmares. São assuntos que contribuíram para o entendimento da peça *Arena Conta Zumbi*.

Buscamos estudar a peça *Arena Conta Zumbi*, porque há uma enorme ligação com o campo brasileiro, na luta política. E com a Educação do Campo da Universidade de Brasília (UnB), em que a maioria dos estudantes são de regiões quilombolas, cerca de 70% são negros.

## 6 - Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Manoel Mauricio de, **A Proposito de Rebelião e Trabalho Escravo**. In. **Encontros com a Civilização Brasileira** / Moacir Félix ... I et al. I, - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BOAL, Augusto e Guarnieri Gianfrancesco, **Arena Conta Zumbi**. São Paulo, 1965.  
<http://pyndorama.com/wp-content/uploads/2009/01/arena-conta-zumbi.pdf>. Acessado em 06/05/2013.

BUAINAIN, Antônio Marcio. **Luta pela terra, reforma agraria e gestão de conflitos no Brasil**. (coord.) et.al. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2008.

COSTA, Iná Camargo. **Nem uma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética**. Iná Camargo Costa. São Paulo : Expressão Popular; Nankin Editorial, 2012.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CAMPOS, Cláudia de Arruda, **Zumbi, Tiradentes (e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo)**. São Paulo : editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares - 1630-1695**. São Paulo: Brasiliense, 1947.

ESTEVAM, Carlos. **A questão da cultura popular**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Conflitualidade e Desenvolvimento Territorial**. In. **Luta pela terra, reforma agraria e gestão de conflitos no Brasil** / Antônio Márcio Buainain (coord.) et.al. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2008.

GULLAR, Ferreira, **Cultura Posta em Questão**. São Paulo, 1963.

MANDELA, Nelson. **Frases de Nelson Mandela**. Disponível em: <[http://www.frazz.com.br/frase/nelson\\_mandela/ninguem\\_nasce\\_odiando\\_outra\\_pessoa\\_pela\\_/66288](http://www.frazz.com.br/frase/nelson_mandela/ninguem_nasce_odiando_outra_pessoa_pela_/66288)>. Acesso em: 15/10/2013.

OLIVEIRA, David Eduardo de, **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

Ong reporte Brasil, **Escravo nem pensar, FUNDAÇÃO DOEN. 2007.**

PEPPE, Maria Aparecida, **Arena Conta Zumbi, (teatro e história 1965)**. Universidade de Guarulhos UnG, 2012.  
<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VIII/Maria%20Aparecida%20Peppe.pdf> : Acessado em 29/10/2013

PRADO, Décio de Almeida, **Exercício findo**. São Paulo: Perspectiva. 1987.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RICARDO, Elcio da Silva. **Teatro e traços identitários: A investigação cênica do Coletivo Negro**. São Paulo: CELACC/ECA-USP, 2013.

ROSA, Daniela Roberta Antônio. **Teatro experimental do negro: estratégia e ação**. Campinas SP: 2007.

SAUER, Sergio. **Conflitos agrários no Brasil. In. Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil / Antônio Márcio Buainain (coord.) et.al.** Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2008.

